

## PRODUÇÃO DE TRABALHO E TERRITÓRIO: UMA ETNOGRAFIA SOBRE AS PERIFERIAS DAS FEIRAS NA CIDADE DE MONTEVIDEO

CLÁUDIA CARDOSO GOULARTE<sup>1</sup>; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [claudiasociologia@gmail.com](mailto:claudiasociologia@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto, pretende apresentar um recorte da pesquisa de doutorado que venho realizando no Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPEL). Trago os dados etnográficos das duas principais feiras livres da cidade de Montevideo, *Tristán Narvaja*<sup>1</sup> e *Piedras Blancas*<sup>2</sup>, com o objetivo de refletir sobre a produção de trabalho e território nestes espaços. Nesse sentido, saliento as especificidades das chamadas *periferias* das feiras e a relação destes espaços com o comércio dos objetos denominados *cachivaches*, realizado por feirantes conhecidos como *cachivacheros*.

A história da cidade com estes espaços permite que sejam considerados fundamentais para refletir sobre as estratégias assumidas pelos sujeitos em momentos de dificuldades materiais e/ou crises econômicas, sendo um “termômetro” da economia. As feiras livres são parte marcante do cotidiano dos habitantes, atualmente Montevideo conta com 163 feiras distribuídas na totalidade dos 62 bairros que constituem a cidade. *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas* são consideradas as duas maiores feiras, ocorrem aos domingos e são responsáveis pela geração de milhares de postos de trabalho. *Tristán Narvaja*, particularmente, compõem os roteiros dos passeios turísticos daqueles/as que visitam a capital uruguaia.

As chamadas *periferias* das feiras são uma característica marcante destes espaços na cidade de Montevideo. Tais territórios são produzidos a partir da possibilidade de acesso e ocupação das *bordas* das feiras por trabalhadores/as, que de modo situacional podem atuar como feirantes. A expansão ou retração destas *bordas*, implicada na maior ou menor densidade de trabalhadores/as, tornando possível compreender o momento econômico pelo qual passa a cidade e o país. Assim, trabalhadores/as ocasionais ou não, sem restrições por parte dos/as feirantes, comercializam uma diversidade de mercadorias, entre as quais, os objetos denominados como *cachivaches*.

A partir disso, as feiras de *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas*, se constituem como lugares privilegiados para pensar as conexões entre a produção de trabalho e território.

*Quando hablamos de territorio, lo consideramos como producto y productor de los actores sociales que operan en él, de sus actividades y de sus relaciones, y no como simple soporte físico o geográfico de esas dinámicas. En este sentido, el territorio es una construcción social, ya que se trata de un espacio apropiado por un grupo humano. Para decirlo de otra manera, es el espacio de vida de un grupo social, indisociable de este último. Apropiarse de un espacio implica cierto control, dominio o gestión de este, por parte del grupo de personas. Está animado por relaciones de poder tanto en un sentido político como económico, cultural o simbólico. Lejos de ser un espacio*

<sup>1</sup> A feira de *Tristán Narvaja*, está situada no Bairro *Córdon*, o qual tem intrínseca relação com o centro comercial da cidade e se vincula a esse principalmente em razão da proximidade com a *Avenida 18 de Julio*.

<sup>2</sup> A feira de *Piedras Blancas*, ocorre no bairro de mesmo nome, em uma região considerada parte da periferia da cidade.

*dominado exclusivamente por el aparato administrativo estatal, como frecuentemente se lo concibe, consiste en un lugar de convivencia, tensiones y disputas entre diferentes actores* (ABBADIE; BOZZO; FONSECA; FOLGAR; ISACH; ROCCO; RODRÍGUEZ; VINÂR, 2019, p. 282.).

Proponho mobilizar o conceito de território, em diálogo com autores/as uruguaios para pensar as relações entre as feiras e a cidade de Montevideo na contemporaneidade. Tomo como fundamental a compreensão destes espaços nos seus próprios termos, também no que diz respeito as categorias adotadas pelos interlocutores da pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

A partir do uso da técnica denominada por ROCHA & ECKERT (2013) *etnografia de rua* que, “Consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento às variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos” (ROCHA & ECKERT, 2013, p. 23), foi possível acessar a ambiência das feiras e *periferias* de *Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas*. A heterogeneidade das mercadorias comercializadas nestes espaços é uma das características marcantes de ambas as feiras, bem como, a intensa presença dos feirantes chamados *cachivacheros* e dos objetos comercializados por esses que recebem a denominação de *cachivaches*.

Em conjunto, a técnica de etnografia digital (HINE, 2004; MILLER, 2015) permitiu a continuidade da pesquisa de campo durante a pandemia do COVID-19. O diálogo e o contato com novos interlocutores, a partir das redes sociais ou aplicativos de mensagens como o *WhatsApp*, tem sido de suma importância na pesquisa, demonstrando que as interações realizadas nos espaços virtuais se configuram enquanto uma possibilidade, mas sobretudo, uma potencialidade da pesquisa, já que a etnografia digital permite a construção de vínculos e outras formas de interações constantes porquê de acesso imediato.

Desta forma, foi possível experienciar as possibilidades de encontros, diálogos e aprendizagens, que se traduz em uma descrição etnográfica que privilegia o entrecruzamento destas técnicas a partir do método etnográfico.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Tristán Narvaja* e *Piedras Blancas* possuem a característica dos lugares polifônicos, a exposição de objetos dissonantes, muitos dos quais conhecidos como *cachivaches*, constituem-se como particularidades destas feiras. Mediante as especificidades destas trocas é possível compreender as representações, muitas vezes ambivalentes, em torno do que significa denominar determinada coisa como *cachivache*, assim como o que vem a ser um/a *cachivachero/a*.

Ao refletir sobre as narrativas dos interlocutores, e revisitar meus percursos através dos diários de campo, fica nítida a importância das coisas denominadas como *cachivaches*. São e não são qualquer coisas, elas permitem ler a mensagem de que ser um/a *cachivacheros/a*, tal qual ser coisa que adere às características de *cachivaches*, é parte de uma produção realizada na inter-relação entre pessoas e coisas; o que resulta em um comércio que mobiliza memórias, tempos e lembranças.



Figura 1: Imagem realizada pela autora. *Cachivaches*, Feira de Tristán Narvaja, 2019.

No que diz respeito a cidade de Montevideo, não é possível fixar os/as *cachivacheros/as* em uma categoria única e coerente, de forma que alguns destes/as tanto obtêm os objetos denominados *cachivaches* a partir da coleta de materiais passíveis de reciclagem encontrados no lixo urbano, mas também acessam outros circuitos comerciais.

Minha percepção dos *cachivacheros* ... bem... eu dividiria os *cachivacheros* em dois grupos ... o primeiro grupo... não por isso mais importante, mas só para separa-los ... há *cachivacheros* que são sim *hurgadores* ...são as pessoas que buscam no lixo coisas que podem chegar a vender...de todo tipo...qualquer coisas... e também tem os outros *cachivacheros* os que vão aos remates...para comprar lotes de coisas ... variadas, diferentes ... compram uma caixa com muitas coisas e logo dessa caixa que lhe saiu 200 pesos tira quarenta artigos e os põe um a 100 outro a 50 outro a 15 e multiplicam seu dinheiro[...] (Oscar<sup>3</sup>).

A partir da narrativa de Oscar e das observações realizadas em campo, os/as *cachivacheros/as* não podem ser associados/as, de maneira automática, a uma classe social ou a uma condição de precariedade material. Porém, independentemente da posição ocupada, as feiras livres se constituem enquanto o principal local acessado para a comercialização das mercadorias conhecidas por *cachivaches*.

<sup>3</sup> Oscar exerceu durante 25 anos a atividade de feirante em *Tristán Narvaja*, porém, atualmente a frequenta na condição de consumidor e admirador. Tendo sido um dos/as principais interlocutores/as durante minha pesquisa no mestrado em Antropologia (UFPEL) que tem como título, *Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo* (2017), em janeiro de 2019, tivemos a possibilidade de nos reencontrar e percorrer a feira de *Tristán Narvaja* juntos/as, desde então, mantivemos contato via *WhatsApp*.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao longo deste texto, apresentei parte da pesquisa que realizei, enfatizando as relações entre a produção de trabalho e território na cidade de Montevideo a partir das feiras e *periferias*, em especial *Piedras Blancas* e *Tristán Narvaja*.

Tendo como foco o comércio de objetos usados (*cachivaches*) realizados pelos feirantes conhecidos como *cachivacheros*, busquei descrever o contexto das feiras citadas e as especificidades destes trabalhadores/as e mercadorias.

Com isso, e a partir das reflexões realizadas até o momento, é possível afirmar que ao etnografar as feiras e *periferias*, focalizando o comércio de objetos usados é possível acessar a cidade tanto através das suas dinâmicas econômicas quanto sociais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADIE, L.; BOZZO, L.; DA FONSECA, A.; FOLGAR, L.; ISACH, L.; ROCCO, B.; RODRÍGUEZ, A.; VIÑAR, M. 2019. Del barrio a las territorialidades barriales: revisitando categorías desde experiencias de trabajo en cuatro barrios de Montevideo. In: AGUIAR, Sebastián; BORRÁS Víctor; CRUZ, Pablo; GABARD, Lucía Fernández; SÁNCHEZ Marcelo Pérez. **Habitar Montevideo: 21 miradas sobre la ciudad**. Montevideo: Ed. La Diari: 275-304.

GOULARTE, C.C. **Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo**. 2017 Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editoria UOC, 2004.

MILLER, D.; HORST, H. A. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Parágrafo** 2 (3): 91-111. 2015

ROCHA, A.L.C e ECKERT, C. (Org.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.